



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

ISSN: 2178-2547

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Chacon, Thiago Costa

O lugar das partículas entre palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas,
vol. 14, núm. 3, 2019, Setembro-Dezembro, pp. 767-790

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000300005>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394069369005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O lugar das partículas entre palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo The place of particles among words, morphemes, and phrases in Kubeo

Thiago Costa Chacon 

Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: Este artigo descreve a noção de palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo, avaliando criticamente o *status* de partículas. Após uma abordagem que aponta as dificuldades analíticas para se definir as fronteiras entre palavras e sintagmas na língua, bem como os diferentes critérios usados para diferenciar tipos de palavras e tipos de morfemas sob um ponto de vista estrutural, funcional e fonológico, estudamos as partículas como uma classe de palavras cuja função principal é a de marcadores pragmáticos. Partículas não são assumidas *a priori*, mas emergem como resultado de um percurso metodológico, que questiona a necessidade dessa categoria descritiva, cuidadosamente delimitando-a e diferenciando-a de outras classes de morfemas.

Palavras-chave: Partícula. Palavra. Morfema. Sintagma. Kubeo.

Abstract: This article describes the definition of words, morphemes, and phrases in Kubeo, with a critical assessment of particle status. After initially pointing out the methodological difficulties of defining boundaries between words and phrases in this language (as well as the different criteria for differentiating word and morpheme types from structural, functional, and phonological points of view), we approach particles as a class of words which mainly act as pragmatic markers. This understanding is not assumed *a priori*, but rather is the result of a methodological trajectory which questions the necessity of this descriptive category, carefully demarcating it and differentiating it from other classes of morphemes.

Keywords: Particle. Word. Morpheme. Phrase. Kubeo.

CHACON, Thiago Costa. O lugar das partículas entre palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 767-789, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300005>.

Autor para correspondência: Thiago Costa Chacon. Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências - ICC SUL. Mezanino B1, 69. Brasília, DF, Brasil. CEP 70910-900 (thiagocostachacon@gmail.com, thiago_chacon@hotmail.com).

Recebido em 27/02/2019

Aprovado em 10/09/2019



INTRODUÇÃO

Este artigo descreve a noção de palavras, morfemas e sintagmas em Kubeo, avaliando criticamente o *status* de partículas¹.

A noção recorrente do que são partículas possui, em geral, as seguintes características²: (1) palavra que não possui uma categoria sintática ou que não se encaixa prontamente em uma categoria sintática padrão; (2) invariável; (3) pequeno tamanho fonológico; (4) fonologicamente e/ou morfossintaticamente dependente; (5) semântica de natureza gramatical ou discursiva.

Como vemos, na definição sobre o que são partículas, convergem diferentes conceitos e propriedades que pretendo tornar mais explícitos e independentes neste artigo. Primeiramente, faço a distinção entre propriedades gramaticais, fonológicas e ortográficas do que são palavras (*cf.* Dixon, 2009). Com relação às propriedades gramaticais de uma palavra, elaboramos as seguintes distinções (expandindo a proposta de Hengeveld; Mackenzie, 2008): (i) tipo de morfemas – ou seja, suas propriedades formais como afixos, raízes e clíticos; (ii) classe de morfemas – ou seja, as propriedades funcionais de um dado morfema na construção semântica e gramatical de uma palavra ou sintagma (incluindo seu papel como morfema lexical ou funcional na formação de classes de palavras como nomes, verbos, adjetivos).

A PALAVRA ENTRE A MORFOLOGIA E A SINTAXE

Seguindo a visão estruturalista (*cf.* Benveniste, 1966, capítulo 3), a palavra é uma unidade linguística igual ou menor do que o sintagma e igual ou maior do que o morfema. Morfologicamente, uma palavra em Kubeo pode ser formada por apenas um morfema (palavra monomorfêmica) ou por mais de um morfema (palavra plurimorfêmica). O Quadro 1 mostra os tipos de palavras morfológicas em Kubeo.

Quadro 1. Tipos de palavras morfológicas em Kubeo.

Palavra simples	Monomorfêmica	(a) 1 raiz
Palavra simples	Plurimorfêmica	(b) 1 raiz + afixos
Palavra estendida		(c) 1 raiz (+ afixos) + clíticos (d) clítico + clítico
Palavra composta		(e) 2 a 4 raízes (f) 2 palavras simples e/ou estendidas

¹ A língua Kubeo pertence à família Tukáno, ramo Oriental, e é falada por cerca de 8.000 indivíduos no rio Uaupés (e seus afluentes Querari e Cuduyari), fronteira entre Colômbia e Brasil. Os principais trabalhos descritivos sobre esta língua são de Salser, J. e Salser, N. (1977), que trazem uma análise descritiva de certos morfemas discursivos; Morse et al. (1999), com um dicionário de cerca de 3.000 palavras; Morse e Maxwell (1999), apresentando um esboço gramatical; Chacon (2012), com um estudo sobre a fonologia e a morfologia da língua (cujas análises foram revistas no presente artigo); e Chacon e Genetti (2019), com um estudo sobre a sintaxe Kubeo.

² Ver, por exemplo, Zwicky (1985), Câmara Jr. (1997, p. 244) e Crystal (2008).

Os exemplos abaixo ilustram os tipos de palavras do Quadro 1³. Cada tipo morfológico de palavra está entre colchetes (usaremos colchetes por todo o trabalho para destacar os exemplos), e cada palavra corresponde a um sintagma na função de sujeito⁴.

(1a) [weki] eda-bi

anta chegar-3i.M

'A anta chegou.'

(1b) [weki-wa] eda-ma

anta-AN.PL chegar-3i.AN.PL

'As antas chegaram.'

(1c) [heme=bo] eda-bi

paca=CL.redondo chegar-3i.M

'A paca chegou.'

(1d) [di=ki] kai=hĩ=ye ã-i=ye ki te-awĩ=ya

ANF=CL.árvore todo=DIM=IN.PL comer-ST=IN.PL existir fazer-3i.IN=REP

'Esta árvore tinha todos os tipos de comidas.'

(1e) [mi yawi] papi=ki-re hawio-ima=da=iki

pássaro onça rede=CL.árvore-N.NOM tecer-3i.AN.PL=REP=AF

'Os gaviões fizeram uma rede.'

(1f) [ihi=ya + borika-ki] kirã-i-mi mama oko-i

abacaxi=CL.rio aracu-M piracema-ST-3i.M novo água-LOC

'O aracú-do-rio-uapés desova no começo da estação chuvosa.'

As definições dos tipos de palavras morfológicas estabelecidas pelo Quadro 1 requerem uma definição independente dos tipos de morfemas que compõem as palavras. Isso será feito, sobretudo, nas seções "Raízes *versus* demais tipos de morfemas" e "Afixos e clíticos". Por outro lado, podemos definir o que é a palavra a partir de evidências independentes da sintaxe (conforme discutido em seguida) e indiretas da ortografia e da fonologia (ver as seções "Palavra ortográfica" e "Palavra fonológica").

³ Seguimos a ortografia Kubeo neste artigo, a qual marca ortograficamente os principais alofones da língua. Logo, quando dois morfemas possuem a mesma glosa mas formas distintas, trata-se de um caso de alomorfia (e.g. *-di*, *-ri* ou *-ni* 'nominalizador'). Nas glosas, os tipos de morfemas são separados pelos seguintes símbolos: '-' afixos, '=' clíticos, '+' para raízes em palavras compostas e ' ' (espaço em branco) para separação entre palavras ou sintagmas.

⁴ Sobre este assunto, ver Chacon e Genetti (2019). Notemos, para deixar claro, que, ao dizer que as estruturas em (1) formam sintagmas, estamos nos baseando nos testes de constituição sintática típicos como distribuição, substituição e combinação. Ou seja, todos os constituintes em (1) se combinam com verbos núcleos de predicados, todos estão distribuídos como primeiros constituintes da oração e todos poderiam ser substituídos por um pronome, por exemplo.

A separação entre morfologia e sintaxe em Kubeo pode ser expressa a partir de um encadeamento de estruturas distintas que formam uma espécie de gradação, baseada (i) na liberdade no ordenamento de constituintes e (ii) no número máximo de elementos integrantes. Vejamos a comparação de diferentes tipos de construções no Quadro 2:

Quadro 2. Propriedades de constituintes morfológicos e sintáticos.

Palavra simples	Palavra composta	Sintagma simples	Sintagma complexo	Oração
Ordem fixa	Ordem fixa	Ordem fixa	Ordem livre	Ordem livre
Até uma raiz	2 a 4 raízes ou palavras	1 palavra ou 1 raiz + 1 palavra	2 ou mais palavras	1 ou mais palavras

Em um extremo, temos a sintaxe da oração onde a ordem de constituintes é praticamente livre e o número de palavras é irrestrito. Vejamos, por exemplo, a oração em (2), onde cada palavra se encontra separada por colchetes:

- (2) [maka-rõ-ĩ] [ki-ame] [ĩ] [yawí hũa-ki]
mata-IN.SG-LOC estar-3I.M 3M onça vermelho-M
'Ela, a onça-parda, vive no mato.'

Em (2), os sintagmas mínimos são formados por uma única palavra morfológica. No domínio da palavra, não pode haver alteração na ordem dos morfemas, nem a ligação entre os morfemas pode ser interrompida por uma outra palavra. No domínio da oração, qualquer alteração na ordem dos constituintes é permitida, e a ligação entre dois sintagmas também pode ser interrompida por uma palavra ou sintagma independente⁵.

A ordem dos constituintes em sintagmas menores do que a oração tende a ser menos livre. De um lado, temos sintagmas compostos em que a ordem é mais livre e o número de constituintes é ilimitado. De outro lado, a estrutura de um sintagma simples é muito similar a de uma palavra composta: ambos possuem uma ordem rígida, com no máximo duas raízes e as mesmas propriedades fonológicas⁶. Vejamos o exemplo (3) para um sintagma nominal (SN) simples e (4) para um sintagma complexo:

- (3) pika nomi=hĩ-na
dois mulher=DIM-AN.PL
'Duas mulherzinhas.'

- (4) nomi=hĩ-na pika-rã / pika-rã nomi=hĩ-na
mulher=DIM-AN.PL dois-AN.PL dois-AN.PL mulher=DIM-AN.PL
'Duas mulherzinhas.'

⁵ Vejamos também que alterações na ordem estão em estreita correlação com o critério de interruptibilidade, ou seja: a ordem entre dois sintagmas pode ser interrompida por um outro sintagma, mas a ordem entre dois morfemas dentro de uma palavra não pode ser interrompida por uma outra palavra.

⁶ Ver a seção "Palavra fonológica" neste artigo.

Analizamos (3) como um sintagma (e não uma palavra composta) devido à relação funcional que o numeral estabelece com o nome. Primeiramente, na posição do numeral poderia ocorrer uma raiz lexical de outra categoria, como um demonstrativo ou um adjetivo, conforme será discutido a seguir. Semanticamente, o numeral é um operador cardinal sobre o referente do nome, enquanto em uma palavra composta os elementos modificadores têm escopo atributivo não sobre o referente nominal, mas sim sobre o conceito nominal.

O contraste entre palavra composta e sintagma fica ainda mais claro nos exemplos (5) e (6). Em (5), o adjetivo modifica o conceito nominal em uma palavra composta, a qual é, por sua vez, correferente a um demonstrativo; em (6), o adjetivo predica sobre o referente nominal formado pelo sintagma composto 'demonstrativo & nome'. Notemos, ainda, que há apenas um morfema de gênero flexionando a palavra composta em (5), enquanto tanto o adjetivo quanto o nome estão flexionados e concordando em (6). Em conjunto, estes fatos apontam para a interdependência morfológica de nome & adjetivo em (5) e a relação de modificação sintática em (6).

- (5) [a-ñi] [ãi ñemi-ki]-be
este-M jiboia preto-M-COP.3AN.SG
'Aquele é uma jiboia-preta.'

- (6) [a-ñi] [ãi-ki] [ñemi-ki]-be
este-M jiboia-M preto-M-COP.3AN.SG
'Aquele, a jiboia, é preta.'

Quando o modificador é um adjetivo, notamos, ainda, um grau a mais de complexidade na relação gradual entre léxico, morfologia e sintaxe, pois, em palavras como *ãi ñemi-ki*, o adjetivo está lexicalizado junto ao nome, formando um novo nome. Vejamos o contraste entre (7a) e (7b), o primeiro sendo um caso de sintagma simples e o segundo de sintagma lexicalizado em um nome:

- (7a) ira diibo sintagma simples
grande igapó
'Grande igapó.'

- (7b) ira koro sintagma simples lexicalizado
grande líquido
'Inverno, estação de muita chuva.'

Em certos casos especiais, também encontramos um processo de lexicalização a partir do que seria originalmente um sintagma complexo. Isso ocorre sobretudo na onomástica de termos da fauna, como em (1f) e também em *uma-ko hũa-ko* (rã-F vermelho-F) 'rã-vermelha (espécie de rã)/rã vermelha'. Nessa construção, teríamos duas leituras possíveis: uma como uma palavra composta, se referindo a uma espécie de rã ('rã-vermelha'), a outra como um sintagma composto ('rã que é vermelha').

Vemos, então, que, sob um ponto de vista estrutural, existem construções que servem como modelo tanto para a formação de uma palavra quanto para a formação de um sintagma. Isso revela um *continuum* entre léxico, morfologia e sintaxe, evidenciando ainda mais a posição híbrida da palavra na interface entre os diferentes níveis da fonologia e da

gramática, como propõe Benveniste (1966). Logo, critérios funcionais são fundamentais para nos ajudar a definir se certos morfemas entretêm uma relação sintática ou morfológica entre si, como vimos para a distinção entre palavras compostas e sintagmas (e como ainda veremos para afixos e clíticos).

PALAVRA ORTOGRÁFICA

A demarcação do domínio da palavra ortográfica que encontramos em Kubeo parece diferenciar a palavra morfológica simples das palavras mais complexas⁷. Os falantes Kubeo escrevem de maneira sem interrupção as construções formadas por raízes e afixos da palavra. Porém, encontramos variação no uso do espaço em branco entre raízes de palavras compostas, proclíticos, enclíticos e afixos frasais. O uso de hífen também ocorre em algumas palavras compostas. Na falta de um estudo quantitativo mais profundo sobre a palavra ortográfica em Kubeo, posso, no momento, oferecer as seguintes observações no Quadro 3:

Quadro 3. Uso do espaço em branco e hífen entre constituintes morfológicos da palavra.

	Raiz + afixos	Raiz + clíticos	Raiz + raiz
Espaço em branco	Não	Algumas vezes	A maioria das vezes
Hífen	Não	Não	Algumas vezes

As palavras a seguir contrastam minha segmentação morfológica com a variação no uso do espaço em branco e do hífen, conforme as imagens de escrita por falantes nativos de Kubeo. O exemplo (8a) mostra o proclítico *i=* 'dêitico proximal'. Em (8b), temos o mesmo proclítico separado por espaço em branco. Ambas palavras foram escritas pelo mesmo falante. Em (9), mostramos exemplos de palavras compostas, também escritas pelo mesmo falante, em que encontramos raízes escritas justapostas, separadas por espaço em branco ou por hífen.

- (8a) **i=hãrãwi-re**
este=tempo-N.NOM
'Neste tempo.'
- ihãrãwute*
- (8b) **i=hãrãwi-ke**
este=tempo-ABL.IN.PL
'Coisas deste tempo.'
- i harãwure*
- (9a) **waiwari+mi**
onomatopeia+pássaro
'Espécie de pássaro.'
- VAIWARI mi*
- (9b) **yawi+mi**
onça+pássaro
'Tesourinha.'
- yawi-mi*
- (9c) **muha+mi**
urucum+pássaro
'Espécie de pássaro.'
- MUHAMI*

⁷ Durante os anos de pesquisa, coletamos muitas amostras da língua Kubeo sendo escrita por professores e alunos da escola de Querari. A escrita Kubeo foi desenvolvida pelo linguista Kubeo Simón Valência, na Colômbia, e difundida por meio de oficinas e encontros binacionais (ver Valencia, 1989). A escrita prevê apenas um alfabeto e regras sobre a representação da harmonia nasal. Não há instruções específicas sobre o que é uma palavra, como usar o espaço em branco ou hífen entre palavras, tampouco sobre acento e tom.

PALAVRA FONOLÓGICA

Três processos fonológicos em Kubeo possuem domínios prosódicos que se relacionam com constituintes morfossintáticos⁸: (1) 'espraiamento nasal' - ocorre internamente à palavra morfológica simples e diferencia afixos (alvos de nasalização) *versus* clíticos e raízes (que bloqueiam a nasalização); (2) 'domínio acentual' - se dá internamente à palavra morfológica simples e estendida, diferenciando afixos e clíticos *versus* raízes (cada raiz é um domínio acentual autônomo); (3) 'espraiamento tonal' - ocorre com unidades iguais ou menores do que o sintagma simples, diferenciando-os de sintagmas compostos.

Seguindo a proposta da fonologia prosódica (Nespor; Vogel, 1986), podemos indicar os seguintes domínios prosódicos em Kubeo e sua correlação com os tipos de constituintes morfossintáticos, conforme o Quadro 4:

Quadro 4. Domínios prosódicos e sua relação com constituintes morfológicos.

Domínio prosódico	Constituintes morfossintáticos	Propriedades fonológicas
Palavra fonológica	Palavra morfológica simples	Espraiamento nasal
Grupo clítico	Palavra morfológica simples estendida	Acento
Frase fonológica	Palavra composta e sintagmas simples	Espraiamento tonal

Notemos que nenhuma das propriedades expostas no Quadro 4 se aplica ao sintagma composto, o qual pertence a um domínio prosódico superior da hierarquia prosódica: a frase entoacional.

TIPOS E CLASSES DE MORFEMAS

Nesta seção, vamos discutir as diferentes classes e tipos de morfemas em Kubeo, isto é, suas propriedades estruturais e funcionais, respectivamente. Começamos com os tipos de morfemas raízes, suas diferentes classes e como se relacionam a afixos e clíticos. Estes últimos serão tópicos da seção "Afixos e clíticos".

RAÍZES *VERSUS* DEMAIS TIPOS DE MORFEMAS

Sob um ponto de vista estrutural, os morfemas são passíveis de uma análise que nota sua posição como constituintes em uma visão linear da palavra, tomando as raízes como centro, conforme o *template* a seguir:

$$\text{proclíticos} = \text{prefixos-} \underline{\text{raiz}} \text{-sufixos} = \text{enclíticos}$$

Toda raiz serve de base para concatenação de um afixo; toda palavra simples ou composta serve de hospedeiro para um clítico. Logo, afixos e clíticos são morfemas presos, no sentido de que não podem ocorrer sem uma base ou sem uma palavra. As raízes, por sua vez, dividem-se entre livres e presas. As raízes livres possuem a propriedade de formar autonomamente uma base morfológica, uma palavra e um sintagma, sem necessidade de um outro morfema.

As raízes presas necessitam de afixos ou raízes para formar uma palavra ou um sintagma autônomo. Os verbos, por exemplo, são raízes presas, sempre requerendo afixos flexionais para formar uma palavra verbal e funcionar como núcleo de um sintagma verbal (SV), ou morfemas derivacionais, para, então, atuarem em outras funções sintáticas.

Outros tipos de raízes são analisados como semilivres. É o caso dos adjetivos, advérbios, demonstrativos e quantificadores. Essas raízes podem formar uma palavra e um sintagma autônomo se estão flexionadas, mas podem

⁸ Por limitação de espaço, não poderei descrever esses processos. Para mais detalhes a este respeito, ver Chacon (2012).

também ser usadas sem afixos, desde que funcionem como modificadores em um sintagma simples – ver exemplos de (3) a (7), na seção “A palavra entre a morfologia e a sintaxe”.

O Kubeo possui quatro classes de raízes lexicais: nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Existem também quatro classes de raízes funcionais: demonstrativos, pronomes, numerais e quantificadores. Ainda que uma estrita separação entre morfemas lexicais e morfemas gramaticais (ou funcionais) seja problemática, podemos dizer que morfemas como *heme-* ‘paca’, *yawi* ‘onça’, *ã-* ‘comer’, *ira-* ‘grande’ sejam lexicais: eles nomeiam entidades, coisas (concretas ou abstratas), estados, propriedades ou eventos, de modo que são a base do conteúdo proposicional das sentenças. Já os morfemas *-ko* ‘feminino’, *-wa* ‘plural animado’, *-ame* ‘3ª pessoa masculino’, *ani* ‘aquele’ e *kuina* ‘um’ são funcionais: eles indicam propriedades semânticas mais abstratas, que servem para modificar o significado dos morfemas lexicais, formando subsistemas paradigmáticos nas gramáticas das línguas (e.g. número, gênero, pronomes, demonstrativos, numerais). Os afixos são definidos como uma classe de morfemas funcionais dependentes de certas classes de raízes. Uma classe especial de morfemas são os clíticos que, como veremos mais detidamente na seção “Afixos e clíticos”, possuem características funcionais ou lexicais.

Com base na distinção entre classe de morfema e classe de palavra, podemos analisar que nomes e verbos são classes abertas de morfemas e de palavras. Adjetivos e advérbios formam uma classe fechada de morfemas, mas uma classe aberta de palavras: o número de raízes que pertencem a essas classes é bastante limitado e não parece que a língua esteja criando novas raízes pertencentes a essa classe; por outro lado, são uma classe aberta de palavras, uma vez que é bastante produtiva, na língua, a derivação de lexemas para assumirem uma função morfossintática prototipicamente associada a adjetivos e advérbios.

Sob um ponto de vista morfológico, podemos dizer que, salvo a categoria de pessoa encontrada em pronomes, não existem, em Kubeo, morfemas ou traços flexionais específicos às classes fechadas de lexemas. Demonstrativos, numerais, advérbios e adjetivos, por exemplo, são flexionados com base em traços típicos da morfologia nominal.

AFIXOS E CLÍTICOS

Podemos propor uma divisão entre afixos e clíticos em seis tipos de morfemas, conforme sua posição na palavra: afixos da palavra (1 - prefixos, 2 - sufixos), clíticos da palavra (3 - proclíticos, 4 - enclíticos) e morfemas do sintagma (5 - afixos e 6 - enclíticos do sintagma)⁹. Afixos da palavra combinam-se apenas com raízes ou outros afixos em bases menores ou iguais à palavra. Proclíticos e enclíticos combinam-se com palavras, formando uma ‘palavra estendida’. Já os morfemas do sintagma combinam-se com sintagmas e não palavras.

Os exemplos em (10) ilustram a distinção de morfemas da palavra e morfemas do sintagma, destacando, em sublinhado, os morfemas do sintagma e, em cor vermelha, os afixos e clíticos da palavra. Enquanto os morfemas do sintagma têm escopo sobre mais de uma palavra, marcando o sintagma uma única vez, os afixos em (10a) são repetidos em cada palavra, marcando a concordância, enquanto em (10b) temos a repetição do proclítico em cada palavra e em (10c), a repetição de um enclítico.

- (10a) [ãi-ki ira-ki]-re boa-kibe hi=paki
 jiboia-M grande-M-N.NOM matar-3M.INF 1SG.POS=pai
 ‘Meu pai matou uma cobra grande.’

⁹ A literatura tem identificado certos morfemas como ‘afixos frasais’ (cf. Anderson, 2005, *inter alia*), comumente ilustrados pelo morfema ‘s possessivo’ em Inglês, que está sempre à direita do SN e não necessariamente combinado diretamente ao núcleo. Para o Kubeo, parece ser oportuno estender a distinção entre clíticos e afixos tanto para o nível da palavra quanto para o nível do sintagma.

- (10b) [hi=mami-ki aru hi=yó-ki]-re koyi-wi yi
 1SG.POS=irmão.maior-M e 1SG.POS=irmão.menor-M-N.NOM contar-1/2/3IN.I 1SG
 'Eu contei para o meu irmão mais velho e meu irmão mais novo.'

- (10c) [hiwe=ya kɔporɔ aru kaçiwa=ya]-ka pami-wa
 querari=CL.rio boca e rio=CL.rio-ABL kubeo-AN.PL
 'Os kubeos do rio Kaçiwa e os da boca do rio Querari.'

Como vemos, afixos e clíticos da palavra possuem uma relação de 'um para um' com palavras: cada afixo e cada clítico da palavra pertence a apenas uma palavra. No entanto, enquanto para cada afixo existe apenas uma raiz, para cada clítico pode haver mais de uma raiz, uma vez que palavras compostas podem estar combinadas com apenas um enclítico com escopo sobre ambas as raízes¹⁰. Já morfemas do sintagma se combinam com todo um sintagma, de modo que a relação é de 'um para muitos': cada morfema do sintagma combina-se com um constituinte formado por uma ou mais palavras. O Quadro 5 resume as informações desta seção.

Quadro 5. Propriedades estruturais de afixos e clíticos da palavra e do sintagma.

	Base	Escopo sobre a palavra
Afixo da palavra	Raiz (+ afixos)	No máximo uma palavra
Clítico da palavra	Palavra ou clítico	No máximo uma palavra
Afixo do sintagma	Sintagma	Uma ou mais palavras
Clítico do sintagma	Sintagma	Uma ou mais palavras

AFIXOS E CLÍTICOS DA PALAVRA

Afixos da palavra são morfemas funcionais dependentes de uma classe ou subclasse de lexema. Eles funcionam como formativos da palavra, seja flexionando ou derivando um lexema. Além disso, afixos são bastante seletivos com relação à base morfológica. Por exemplo, **-a** 'plural inanimado' se combina apenas com nomes inanimados, enquanto **-wa** 'plural animado', apenas com nomes animados.

Clíticos da palavra são seletivos com relação à categoria da palavra, e não da raiz. Proclíticos são determinantes, portanto, morfemas funcionais, formando uma só palavra com nomes como **i=pie** 'este aturá' ou com um enclítico **i=ka** 'esta fruta (de pimenta, por exemplo)'. Notemos que a relação sintática é a mesma se o demonstrativo é uma raiz, como **ani pie** 'aquele aturá' e **ani=ka** 'aquela fruta (de pimenta)', onde os demonstrativos formam um sintagma simples com os nomes. Ou seja, ainda que proclíticos sejam clíticos da palavra, eles estabelecem com a palavra (ou enclítico) uma relação sintática dentro do SN.

Os enclíticos podem ser divididos em verbais e nominais. Os nominais são, na sua maioria, classificadores e se assemelham a raízes nominais por serem flexionáveis (e.g. **i=bo** 'esta coisa redonda', **i=bo-a** 'estas coisas redondas') e ocorrerem em estruturas morfológicas semelhantes a palavras compostas¹¹. Por exemplo, o nome não contável **bia**

¹⁰ Ver a seção "Palavra fonológica" neste artigo.

¹¹ Ver Chacon (2012, p. 256) para uma origem nominal destes morfemas.

'pimenta' pode ser derivado em um nome contável por classificadores, como *bia=ka* 'fruto de pimenta' e *bia=ki* 'pé de pimenta', de maneira similar a uma palavra composta como *bia+kahe* 'casca de pimenta'.

Um outro exemplo de enclítico formativo da palavra é o morfema *=hĩ-* 'diminutivo'. Ao se combinar com uma palavra, semelhantemente a um classificador ou a uma raiz nominal em um composto, o diminutivo funciona como o núcleo da nova palavra, alterando a forma dos morfemas flexionais de gênero e número. Por exemplo, *põe-wa* 'pessoas' e *põe=hĩ-na* 'pessozinhas', onde o morfema de plural muda de *-wa* para *-na*, uma vez que é o diminutivo que o seleciona, e não a raiz (as formas **põe-na* e **põe=hĩ-wa* não são possíveis).

Comportando-se como nomes sintaticamente, os enclíticos podem ser combinados tanto com nomes animados quanto inanimados, bem como com outras classes de lexemas, como quantificadores, determinantes, possessivos, verbos nominalizados etc. Isso nos leva a interpretar que os enclíticos nominais sejam, de fato, nomes mais gramaticalizados. Logo, vemos porque é admissível uma palavra formada por um proclítico determinante e um classificador ou diminutivo. As principais diferenças dos enclíticos da palavra para as raízes nominais estão em sua semântica e no fato de os enclíticos não serem morfossintática e fonologicamente autônomos, sempre precisando de um hospedeiro.

Existem dois tipos de enclíticos verbais. Primeiro, temos os morfemas que indicam 'direção centrípeta' e 'direção centrífuga', que são formas reduzidas dos verbos *da* 'vir' e *nĩ* 'ir'. Os exemplos (11a) e (11b) ilustram os dois tipos de construções¹².

(11a) *ãiye wo-ki=rĩ-mi*
comida procurar-M.MOV=ir-3I.M
'Foi procurar comida.'

(11b) *ĩ-re korewa-ki=ra-ha-ki*
3M=N.NOM conhecer-M.MOV=vir-IMP-M
'Venha conhecê-lo!'

Como clíticos, estão combinados sintaticamente na função de verbos auxiliares com verbos principais não finitos, e estão sujeitos a certos padrões fonológicos, típicos de clíticos, além de bloquearem o espraçamento nasal¹³.

Um outro tipo de enclítico verbal é o morfema *=ya*, que indica 'evidencialidade reportativa'. Este morfema aparece de maneira regular sempre à direita de um verbo finito ou cópula, seguindo toda classe de morfemas derivacionais e flexionais, e não se nasaliza, conforme os exemplos em (12).

(12a) *paulo nĩ-mi=ya*
Paulo ir-3I.M=REP
'Dizem que o Paulo se foi.'

¹² A forma que indica 'direção centrípeta' também possui uma composição ainda mais reduzida quando usada no aspecto progressivo, fundindo-se com o sufixo nominalizador, ou seja: **kuya-ki=nĩ-nĩ-mu > kuya-ki=nĩ-mu* ou *kuya-ki=nĩ-ñõ-mu > kuya-ki=ñõ-mu*.

¹³ Outros tipos de construções com verbos auxiliares são morfossintaticamente semelhantes, isto é, o verbo auxiliar toma um verbo principal na sua forma não finita. No entanto, são fonologicamente distintos, uma vez que formam uma frase fonológica, e não um grupo clítico (ver a seção "Palavra fonológica" neste artigo).

- (12b) i=hãrãwi-re ĩ mimiyo yai-rõ wi-yi-be=ða
 este=tempo-N.NOM 3M beija-flor rápido-IN.SG voar-M-COP.3AN.SG=REP
 'Dizem que naquele tempo o beija-flor voava rápido.'

Podemos observar que os clíticos da palavra, com exceção do reportativo, são basicamente morfemas lexicais fonologicamente dependentes. O reportativo é um tipo de enclítico diferente, pois é uma palavra invariável e conta com uma distribuição morfossintática não prevista pelos tipos de sintagma da língua. Isso nos leva a interpretá-lo como uma partícula, conforme será retomado na seção "Partículas", mais adiante.

MORFEMAS DO SINTAGMA

Os morfemas do sintagma dividem-se entre aqueles que marcam relações gramaticais e aqueles que marcam relações discursivas ou pragmáticas. Há morfemas do sintagma que se flexionam como lexemas e outros que não fazem isso, comportando-se como morfemas puramente funcionais. E também há aqueles que fonologicamente se comportam mais como afixos, enquanto outros mais como clíticos ou até como palavras autônomas.

Nos exemplos em (10) ilustramos dois morfemas do sintagma: (i) **-re** 'não nominativo', regido por predicados, marca sintagmas em função de objeto diferenciado e certos adjuntos espaciais e temporais, (ii) **-ka** 'ablativo' que marca sintagmas nominais indicativos quanto à origem geográfica, étnica ou a outro tipo de pertencimento social de um outro nome. Podemos, ainda, listar outros morfemas que marcam relações sintáticas em sintagmas nominais, como: (iii) **-i** 'locativo geral', (iv) **-rã** 'locativo específico', (v) **-reka** 'mesmo que X', (vi) **-pe** 'similar a X, como X', e (vii) **-i** 'possessivo'. Todos são marcas de caso. Fonologicamente, os morfemas que não começam com consoantes surdas podem ser nasalizáveis, mostrando que se comportam como os afixos da palavra. Assim, dado ainda que estes morfemas não são flexionáveis e possuem uma função sobretudo sintática, vamos classificá-los como 'afixos do sintagma'.

Um morfema do sintagma à parte é a cópula em Kubeo, cujo paradigma está ilustrado no Quadro 6. O paradigma divide-se entre dois tipos de morfemas: os três primeiros são invariáveis e usados, sobretudo, no tempo presente, enquanto o último é uma raiz que pode se combinar com qualquer tipo de flexão verbal e, por isso, é usada quando informações morfossintáticas para além de pessoa, número e gênero são necessárias. Todas as formas são nasalizáveis e se comportam como afixos no nível fonológico. Além disso, a cópula claramente possui uma função gramatical bem definida¹⁴.

Quadro 6. Paradigma da cópula (formas básicas e alternativas).

-bu / -mu	Neutro
-be / -me	3ª pessoa animado singular
-ba / -ma	Interrogativo presente
-bebu / -mebu	Evidencial assumido
-ba- / -ma-	Demais flexões

¹⁴ Tais como: ligando sujeito e predicado não verbal; participando da marcação do aspecto progressivo em verbos nominalizados; marcando relações temporais como verbo auxiliar e em oração relativa.

Algo de especial na sintaxe das cópulas é que elas se combinam com sintagmas focalizados na relação entre sujeito e predicado. Os exemplos em (13) mostram a cópula flexionada combinada ora com o predicado ora com o sujeito.

- (13a) **maka-rõ-ka-ki-ba-ame** **ĩ**
mata-IN.SG-ABL-M-COP-3II.M 3M
'Ele é um ser originário do mato.'

- (13b) **maka-rõ=ka-ki** **ĩ-ma-ame**
mata-IN.SG-ABL-M 3M-COP-3II.M
'É ele que é um ser originário do mato.'

A cópula nos apresenta um comportamento complexo. Fonologicamente, assemelha-se a afixos. Morfologicamente, assemelha-se a raízes verbais por ser flexionável, como os enclíticos verbais, por exemplo. Sua função gramatical é bem definida como a dos afixos do sintagma, porém sua distribuição é sensível a fatores discursivos, e não apenas a fatores semânticos ou gramaticais. A cópula, portanto, possui, ao mesmo tempo, propriedades únicas, bem como propriedades compartilhadas com todos os tipos e classes de morfemas que vínhamos discutindo até então. É, portanto, uma classe de morfema especial, por suas propriedades formais e funcionais *sui generis*.

Existe, ainda, um conjunto de morfemas que podem ser agrupados por sua função de codificar relações discursivas e pragmáticas¹⁵. Estruturalmente, combinam-se com sintagmas ocorrendo após os 'afixos do sintagma'. Assim, ainda que não possamos verificar o *status* de todos estes morfemas como afixos ou enclíticos, vamos tratá-los como enclíticos (seguindo a mesma heurística adotada para com os afixos do sintagma). O exemplo (14) apresenta o morfema **=rĩ** 'interrogativo de 2ª pessoa' de predicados verbais. Este morfema concatena-se ao sintagma focado em uma sentença interrogativa, como exemplificado em (14a) e (14b). Seu *status* como clítico ou afixo não pode ser determinado por propriedades fonológicas.

- (14a) **ãrĩ mi ni-ki=rĩ?**
onde 2SG ir-M=2Q
'Onde tu foste?'

- (14b) **mi=rĩ yo-re makã-rõ-rẽ kã-re ku-yi a-ame=õa**
2SG=2Q aqui-N.NOM mata-IN.SG-N.NOM dormir-MOV andar-M dizer-3II.M=REP
'É tu que andas dormindo no mato por aqui?'

SÍNTESE SOBRE AFIXOS E CLÍTICOS

Resumimos no Quadro 7 os principais pontos discutidos nesta seção sobre afixos e clíticos. Os tipos de morfemas estão agrupados em cinco grandes grupos, representados por tons de cinza e branco no Quadro 7, sendo eles: afixos da palavra, clíticos da palavra, afixos do sintagma, cópula e enclíticos do sintagma.

¹⁵ Ver a seção "Partículas e marcadores pragmáticos" neste artigo.

Quadro 7. Tipos de afixos e clíticos.

Forma	Função	Base	Flexionam-se	Nasalizam-se
Afixos da palavra	Formativos	Raízes	Não	Sim
Enclíticos nominais	Nomes	Nomes, modificadores, verbos nominalizados	Sim	Não
Enclíticos verbais	Verbos (auxiliar)	Verbos nominalizados	Sim	Não
Proclíticos	Determinantes	Nomes	Não	Não
Reportativos	Evidencialidade	Verbos finitos	Não	Não
Afixos do sintagma	Relações gramaticais	Sintagmas nominais	Não	Sim
Cópula	Cópula	Sintagmas nominais determinados pragmaticamente	Sim	Sim
= <i>rĩ</i> 'interrogativo 2a pessoa'	Interrogação	Sintagmas determinados pragmaticamente	Não	Não se aplica

PARTÍCULAS E MARCADORES PRAGMÁTICOS

O que caracteriza as partículas sob um ponto de vista funcional, segundo minha análise para o Kubeo, é que elas expressam algo independente do conteúdo proposicional e da estrutura gramatical de uma oração, ou, conforme definido por Fraser (1996, p. 168), são marcadores pragmáticos, “[...] pistas codificadas linguisticamente que assinalam as intenções comunicativas potenciais de uma falante [...]”¹⁶. É importante notar que nem todos os marcadores pragmáticos são partículas, mas todas as partículas são marcadores pragmáticos, ainda que algumas delas possam desenvolver outras funções. Sob um ponto de vista formal, as partículas podem pertencer a diferentes tipos de morfemas, como clíticos e raízes, por exemplo

Nas próximas seções, vou discutir a função de marcador pragmático em Kubeo conforme realizada por diferentes classes de morfemas: (i) morfemas como nomes, verbos, advérbios e conjunções em funções pragmáticas derivadas, (ii) interjeições e (iii) partículas.

NOMES, VERBOS, ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES COMO MARCADORES PRAGMÁTICOS

O morfema *bahu* ‘corpo, si mesmo, intensificador’ é bastante polissêmico e multifuncional em Kubeo. Como núcleo de um SN, ele pode ser usado referencialmente como termo para ‘corpo’; combinado a pronomes, expressa construções reflexivas e recíprocas. Quando modifica expressões locativas, como em (15a), e temporais, como em (15b), funciona como um intensificador. Quando modifica um outro nome, passa a ter uma função discursiva de ‘ênfase’, conforme as traduções dos exemplos (15c) e (15d) expressam. A sintaxe de *bahu* é a de um elemento da frase nominal, como se pode ver no exemplo (15d), em que ele vem antes do afixo do sintagma *-re* ‘não nominativo’.

¹⁶ Para distinguir o que seriam marcadores pragmáticos de morfemas ou palavras que fazem parte do significado proposicional de uma oração, vejamos a oração ‘(Francamente,) você deveria ter respondido a ele (francamente)’ (adaptados de Fraser, 1996, p. 169). O advérbio ‘francamente’ possui funções diferentes se ocorre no início ou no final da oração. No início, funciona como um marcador pragmático antecipando que o falante vai dizer algo que desaprova uma atitude do ouvinte. No final, temos um advérbio de modo como parte do conteúdo proposicional da sentença, descrevendo o modo como o sujeito deveria ter agido. Ainda, é possível termos as duas ocorrências do advérbio na mesma oração, mostrando como as duas funções não se confundem.

- (15a) **i=hĩ-no bahu**
PROX=DIM-IN.SG muito
'Muito pertinho.'
- (15b) **ape=wi hemebo-re pika sumana bahu ã-ima=da**
outro=CL.COL.AN.paca-N.NOM dois semana exato comer-3II.AN.PL=REP
'Alguns comem uma paca em exatas duas semanas.'
- (15c) **õ hi=marepako bahu mahie bohio-ba-i-biko**
3F 3.POS=esposa mesmo mais.ou.menos jovem-COP-ST-3I.F
'A esposa mesmo é meio jovem.' (continuação: 'já o marido está velhinho.')
- (15d) **karohiwe bahu-re yo-i=ta epe-wi ibenita ape-e-de apa mahi-be-wi**
faca mesmo-N.NOM aqui-LOC=DEL deixar-1/2/3IN.I porém outro-IN.PL-N.NOM TRN saber-NEG-1/2/3IN.I
'A faca mesmo eu pus aqui, mas já o resto das coisas eu não sei.'

A palavra *kari* funciona como um advérbio e seu significado básico é 'agora', 'hoje', como em *kari ñami* 'hoje à noite'. Na análise de Salser, J. e Salser, N. (1977), *kari* funciona discursivamente como um marcador do fio central de uma narrativa. O uso de *kari* como marcador pragmático tende a variar bastante entre os falantes, uma vez que há pessoas que o usam com frequência, enquanto outras não muito. A seguir, apresentamos esta palavra em dois contextos: no final de orações, onde marca um ponto final em uma sequência de eventos, como em (16a); e no meio de uma oração, marcando a todos os constituintes que o falante julgar serem importantes para o entendimento de sua mensagem, como em (16b).

- (16a) **no=mia=ta ira kaḏawa hiyowa-ĩ ĩ-ni daĩ upa-kaki çĩa kari**
lá=FOC=DEL grande jirau moquear-CNV tirar-CNV chegar-CNV fazer.dabucuri-1III.M VOC.M TOP
'Lá mesmo moqueei num jirau grande, peguei, trouxe e fiz o dabucuri, cara.'
- (16b) **no=mia kari maute-i=ra maha kari aipe te-he-ba apa kari**
lá=FOC TOP ficar-ST=PREC 1PL.INC TOP como fazer-IRR-COP.Q TRN TOP
'Nós (tópico) ficaríamos lá (tópico), o que mais se poderia fazer (tópico)?'

Quando usado em uma função discursiva, *kari* possui uma sintaxe particular, não aparecendo dentro de um sintagma, como demonstra sua posição após marcadores de foco, como *mia* e *apa*, em (16b), ou um vocativo, como em (16a). Isso o diferencia de *bahu*, cuja sintaxe está sempre dentro dos limites do SN. Notemos, ainda, que *bahu* e *kari* são dissílabos e sempre aparecem como palavras independentes¹⁷.

¹⁷ Outro marcador pragmático discutido por Salser, J. e Salser, N. (1977) é a palavra *hǎki* (ou *hǎko*, se direcionado a ouvintes mulheres). A palavra é derivada de uma forma nominalizada do verbo *hǎ* 'ver', e é usada para direcionar a atenção do ouvinte para certos elementos de uma oração ou para uma sentença como um todo, mas não possuindo um sentido necessariamente dêitico. Essa palavra não aparece sintaticamente integrada e se assemelha ao uso de 'veja bem!', 'olhe!', como marcadores pragmáticos em Português.

Outro morfema que adquire funções de marcador pragmático é **aru**, cuja função principal é sintática, como conjunção coordenativa ilustrada em (17a). Seu uso pragmático pode ser visto em (17b), onde aparece ao final de uma sentença, no sentido de demandar ao ouvinte uma resposta, como uma *tag-question*, e (17c), onde aparece como um elemento para iniciar uma conversação. Notemos que **aru** é dissílabo e sempre aparece como uma palavra independente.

- (17a) **ô-re êtä âurõ aru warubo ño-ima=đa aru ã-ako=đa=iko**
 3F-N.NOM goma beiju e quinhãpira oferecer-3II.AN.PL=REP e comer-3II.F=REP=AF
 'Oferecerem a ela beiju de goma e quinhãpira e então ela comeu.'

- (17b) **kuina-ki hemebo-re pika-e ã-i-no-ma-awi aru**
 um-M paca-N.NOM dois-IN.PL comer-ST-IN.SG-COP-2/IN.II e
 'Uma paca se come em duas vezes, né?'

- (17c) **aru mi=paki?**
 e 2SG.POS=pai
 'E (cadê, como está) teu pai?'

INTERJEIÇÕES

As interjeições são uma classe de palavras à parte, cuja função é expressar estados emocionais do falante com relação a algum fator motivador no contexto ou discurso. Sintaticamente, são palavras que não se combinam com sintagmas menores do que a sentença, e muitas vezes formam sentenças independentes. As partículas são distintas, pois exploram outras dimensões pragmáticas e nunca formam uma sentença independentemente.

Em Kubeo, as principais interjeições são: **bi** 'não, nada', **hai** 'aprovação', **hi** 'sim, positivo', **hĩhĩ** 'confirmação', **pi** 'poxa!', **hede** 'pronto, fim', **hã** 'surpresa', **aha** 'desgosto, raiva' (**aha çĩa** se falante masculino, **aha iko** se falante feminino), **agi** 'dor'. Algumas interjeições passaram a integrar certas expressões idiomáticas, como é o caso de **hi** 'sim, positivo', incorporado ao verbo **a-** 'dizer', para expressar a noção de 'obedecer': **hi a-bi** 'ele obedeceu'.

Talvez o caso mais complexo seja da interjeição **bi** 'não, nada'. Essa palavra não é usada para formar a negação padrão em Kubeo, a qual é expressa por sufixo verbal. **Bi** pode ser usado como uma resposta negativa a qualquer pergunta 'sim/não' ou no início de respostas mais elaboradas, como no exemplo (18a). Em certos usos, **bi** se comporta como uma partícula que introduz uma sentença negativa, como em (18b). Também é usado nas expressões idiomáticas com o significado de **bi+ha-** (nada+passar) 'morrer, desaparecer' e com significado de 'silêncio' em **bi=đa** (nada=precisamente).

- (18a) **bi çĩa hi=páki a-i=kũ-ma-ka-rõ**
 não VOC.M 1SG.POS=pai fazer-ST=CL.canoa-COP-ANT-IN.SG
 '(pergunta: Você comprou esta canoa?) Não, cara, meu pai a fez.'

- (18b) **bi kamiça ki-be beha-re ni-mi=ya**
 não camisa existir-NEG descer-MOV ir-3I.M=REP
 'Vinha remando sem camisa.'

Assim, observamos que, ainda que a maioria das interjeições forme uma classe de palavras à parte e tenha função e distribuição sintática semelhante entre si, algumas delas passam a funcionar em outros contextos pelo tecido fluído da gramática, como formativos lexicais, modificadores sintáticos de verbos e partículas com escopo sobre a sentença.

PARTÍCULAS

A função principal das partículas é a de marcador pragmático. Sintaticamente, partículas não formam sentenças independentes (ao contrário de interjeições). Além disso, cada partícula somente pode ocorrer uma única vez na sentença, ainda que em uma sentença possa haver mais de uma partícula. Algumas partículas organizam-se como paradigmas e outras possuem distribuições morfossintáticas distintas. Isso mostra que cada uma desempenha uma função específica no nível da sentença.

A partícula monossilábica *i* é usada de maneira opcional e exclusivamente como uma *tag-question* ao final de sentenças interrogativas. Está separada prosodicamente do resto da sentença por uma breve pausa. Logo, podemos caracterizá-la como uma palavra independente. Veja alguns exemplos:

- (19a) **hiwa=ka=rõ-ma yo o duika=ka-rõ-ma i?**
 rio.acima=ABL-IN.SG-COP.Q este ou rio.abaixo=ABL.IN.SG-COP.Q TAG
 'Este vem da Colômbia (lit. rio acima) ou do Brasil (lit. rio abaixo), hein?'
- (19b) **ira-rõ-ma-ru mare hatio-rĩ ã-rĩ hebe-i=ye hai-ri i?**
 grande-IN.SG-COP-CON também cozinhar-CNV comer-CNV terminar-ST=IN.PL precisa-NMZ TAG
 'Se for muito, tem que cozinhar e comer tudo, né?'

Com relação ao morfema **=rĩ** 'interrogativo 2ª pessoa'¹⁸, é importante notar que a estratégia principal para se fazer perguntas em Kubeo é o uso de um padrão entoacional. O verbo da oração aparece em uma forma não finita e, fora **=rĩ** (e palavras interrogativas), não há outro marcador morfossintático de perguntas na língua. Isso nos sugere que se trata de uma partícula enclítica do sintagma usada como um elemento adicional para reforçar um ato ilocucionário que demanda mais enfaticamente uma resposta do ouvinte.

Os morfemas **i-ki** 'afirmativo masculino' e **i-ko** 'afirmativo feminino' são partículas com *status* de palavras independentes que indexam o gênero do locutor¹⁹. Sua função é a de reforçar um ato de fala declarativo, em que o falante indica sua crença em um dado estado de coisas (20a). Com predicados marcados pelo evidencial reportativo, temos a mesma função, ainda que o locutor não tenha sido a fonte primária de informação, como em (20b). Logo, não ocorrem em orações interrogativas, porém podem ocorrer com orações imperativas, como em (20c).

¹⁸ Ver também a seção "Morfemas do sintagma" neste artigo.

¹⁹ Seria a única partícula flexionável em Kubeo. O fato de ser flexionável não me parece ser um problema. Por um lado, além de ser um marcador pragmático, como sua função é um ato de fala afirmativo, acredito ter sido natural a indexação de gênero do falante, uma vez que a língua Kubeo distingue o gênero dos falantes em vários contextos gramaticais. Por outro lado, se não o classificarmos como partícula, este morfema ficaria em um vácuo na estrutura gramatical da língua.

(20a) **di=yami ki-be-no-rẽ maha wo-i=ta-mu i-ki**
 pro=CL.casa existir-NEG-IN.SG-N.NOM 1INC buscar-ST=DEL-COP.N.3AN.SG AF-M
 'Essa casa não existindo, (te digo:) nós vamos buscar uma (i.e. fazer uma outra).'

(20b) **hĩhĩ sacco uma-ñi ma-ki bá te-ame=da i-ki**
 sim sacco carregar-M COP-M COP fazer-3II.M=REP AF-M
 'Sim, (eu te digo), diz que ele estava carregando um sacco.'

(20c) **hápia-hĩde i-ki**
 escutar-IMP.PERM AF-M
 'Deixa eu ouvir (hein!).'

A distribuição sintática de *i-ki* e *i-ko* mostra que essas partículas são os últimos morfemas dos sintagmas com os quais se combinam, podendo estar acentuados, devido à sua estrutura dissilábica, ou mesmo átonos, em razão de geralmente estarem ao final de um constituinte prosódico. A vogal inicial é nasalizável somente em fala rápida, mostrando que este é um processo fonético, e não fonológico (cf. Chacon, 2012, capítulo 3). Sintaticamente, podem se combinar a outros constituintes não verbais, como em (21a) e (21b), mostrando ter uma distribuição sintática bastante livre.

(21a) **maha yo=ka=wi i-ki**
 1INC aqui=ABL=CL.AN.COL AF-M
 'Nós somos mesmo daqui!'

(21b) **hawéná-re i-ki me bahu bui-kémawĩ ċĩa**
 dia.seguinte-N.NOM AF-M bem muito ficar.cheio-ASSM VOC.M
 'No dia seguinte, (eu te digo) estava muito cheio, cara (ref. armadilha com peixes).'

Um outro marcador pragmático *apa* 'turno' realça um constituinte ou outro elemento da sentença e demanda uma posição do ouvinte com relação a este elemento focado. Em (22a), vemos que o falante foca em si mesmo em uma frase retirada de uma canção de namoro, onde *apa* é bastante recorrente quando o enamorado fala de si. Em (22b), o foco muda do ouvinte para o locutor. Em (22c), o foco está em uma nova situação na qual o falante se baseia. Em (22d), *apa* muda o foco para o ouvinte junto ao verbo no modo imperativo permissivo²⁰.

(22a) **yĩ apa pami põe-ki=ta**
 1SG TRN kubeo pessoa-M=DEL
 'Eu mesmo sou um Kubeo.'

²⁰ Veja (16b) para o uso de *apa* em uma construção interrogativa.

- (22b) **ñiha-re apa ire bahu-ba te-wi ñihe hora-ki=ye**
 1PL.EXC-N.NOM TRN bastante muito-COP fazer-1/2/3IN.I 1EXC carregar-FUT=IN.PL
 '(Busque outros para te ajudar) do nosso lado, já tem muita coisa para carregar.'

- (22c) **di=nimi da-ki-hi-wi apa**
 PROX-tempo vir-FUT-INTENS-1/2/IN.I TRN
 'Nesse caso, eu irei.'

- (22d) **há-hĩde apa**
 ver-IMP.PERM TRN
 'Você mesmo pode ver/Veja por você mesmo.'

Apa é morfologicamente invariável. Analiso como uma partícula com *status* de palavra independente, pois fonologicamente se comporta como uma palavra fonológica e sintaticamente pode se combinar com diferentes partes do discurso, se situando à direita dos sintagmas que ele modifica.

O reportativo **=ya** fora analisado como clítico da palavra, enquanto um tipo de morfema, dada sua disposição a se concatenar apenas com verbos e cópulas²¹. É importante distinguir o reportativo do discurso direto. O discurso direto serve para atribuir uma fala a uma pessoa, enquanto o reportativo atribui o conhecimento do fato sendo declarado pelo falante. Em termos funcionais, o reportativo faz parte do sistema obrigatório e gramatical de expressão da evidencialidade no modo declarativo que possui quatro categorias²²: presenciado, inferido, assumido e reportativo. Em termos estruturais, o reportativo combina-se com o paradigma de primeira mão (e.g. **eda-bi** 'ele chegou (eu vi)' > **eda-bi=ya** 'diz que ele chegou'). Enquanto o discurso direto é compatível com qualquer evidencial, o reportativo não se combina com o paradigma do evidencial inferido e do assumido. O evidencial inferido requer que o falante assuma perante o ouvinte que ele possui evidências de primeira mão de que a situação declarada aconteceu; já o assumido se baseia em uma conjectura que o falante faz sobre um estado de coisas para assumir que um fato ocorreu ou vai ainda ocorrer. Desse modo, a restrição combinatória com os outros evidenciais decorre de um conflito lógico-pragmático. Isso nos sugere que o discurso direto possui um escopo mais amplo; o reportativo e outros evidenciais possuem escopos semântico-pragmáticos distintos: o primeiro tem escopo sobre a oração, os evidenciais têm escopo sobre o predicado. Uma vez que verbos e cópulas são núcleos do predicado, fica clara, então, a posição do reportativo como uma partícula enclítica à palavra-núcleo de um predicado.

Por último, o Kubeo possui um conjunto de morfemas que, de diferentes maneiras, enfatizam certos constituintes ou aspectos semânticos de uma oração. Os exemplos em (23) são do morfema **=ta=** 'delimitador', que pode ser enclítico ou proclítico a depender de questões prosódicas, cuja função é decorrente da semântica da oração, da estrutura informacional do discurso e do jogo pragmático estabelecido entre falantes e ouvintes. Em (23a) a (23c), mostramos sua função como intensificador ou marcador de ênfase de modificadores verbais e nominais. Com verbos no aspecto progressivo, ele determina o início aspectual da ação – a exemplo de (23d). Com argumentos,

²¹ Ver também a seção "Afixos e clíticos da palavra" neste artigo.

²² Ver Chacon (2012, p. 278-286).

ele implica foco contrastivo – a exemplo de (23e). Precedendo a um pro-verbo, ele ocorre na função de enfatizar o conteúdo de um predicado anterior a que o pro-verbo retoma – a exemplo de (23f). Com conjunções, ele reforça relações de casualidade entre diferentes sentenças – a exemplo de (23g).

(23a) **imi-i=ta wi-rĩ dara-đa-ma**
 alto-LOC=DEL voar-CNV passear-ST-3I.AN.PL
 'Os urubus ficam passeando voando no céu.'

(23b) **kari=ta bue-yi=bu**
 agora=DEL aprender-M=COP.N.3AN.SG
 'Apenas agora estou aprendendo.'

(23c) **pare=ta oka-wi**
 forte=DEL chover-1/2/IN.II
 'Choveu bastante forte.'

(23d) **ni-nĩ-ta-mu**
 ir-M=DEL-COP.N.3AN.SG
 'Já estou indo.'

(23e) **mi=ta ni-ha-ki ċiã**
 2SG=DEL ir-IMP-M VOC.M
 'É você (e não outra pessoa) que vai, cara!'

(23f) **aipeteni huhiwa eko-be-bu ta=te-kemawĩ**
 como pium-AN.PL entrar-NEG-COP.N.3AN.SG DEL=pro.verbo-ASSM
 'Não tinha como entrar pium...'

(23g) **ke te-wi-ta no-i-ta ki te-kemawi**
 assim fazer-1/2/IN=DEL lá-LOC=DEL existir fazer-ASSM
 'Após terem feito isso, naquele lugar, eles viveram.'

A liberdade sintática e a natureza funcional deste morfema somam-se a dois outros fatores que nos levam a analisá-lo como um tipo de enclítico do sintagma. Em termos distribucionais, **=ta** 'delimitador' segue a afixos e clíticos da palavra, bem como afixos do sintagma, e pode vir antes dos morfemas de cópula, como em (23d), ou os seguindo, como em (23f). Fonologicamente, tem como hospedeiro tanto a palavra anterior, que lhe serve de base semântica, quanto uma posterior. Pode também aparecer acentuado (independente, sob um ponto de vista métrico). A análise que proponho é que este é um morfema essencialmente pragmático e que desenvolve funções mais gramaticais, como aspecto inceptivo – em (23d) – ou intensificador de modificadores

verbalis e nominais – exemplos (23a) a (23d) –, a partir de um processo de extensão funcional. Seria, assim, uma partícula que desempenha eventualmente a função de morfemas típicos da morfossintaxe dos sintagmas verbal e nominal, algo como a imagem espelhada de morfemas como *bahu* e *kari*, que seriam nomes e advérbios que desenvolveram funções pragmáticas.

SÍNTESE SOBRE MARCADORES PRAGMÁTICOS

Como vimos, existem três tipos de marcadores pragmáticos em Kubeo. Alguns morfemas são primariamente identificados como nomes, advérbios ou conjunções, possuindo uma função adicional como marcadores pragmáticos. Outros, como interjeições e partículas, são essencialmente marcadores pragmáticos, mas podem também estender seu uso a outras funções que mais diretamente se relacionem ao conteúdo proposicional da oração. As partículas e interjeições diferenciam-se por fatores funcionais e formais: funcionalmente, enquanto as partículas codificam informações relevantes para a expressão de atos ilocucionários, as interjeições codificam estados emocionais; formalmente, as partículas são adjuntos de constituintes sintáticos, enquanto interjeições não estão sintaticamente relacionadas a nenhum constituinte da sentença e podem constituir sentenças autônomas. No Quadro 8, oferecemos um resumo das propriedades formais e funcionais das partículas.

Quadro 8. Formas e funções de partículas.

<i>i</i>	Palavra prosodicamente independente, adjunto da sentença	<i>Tag-question</i> em sentenças interrogativas
<i>i-</i>	Palavra prosodicamente independente, flexionável, forma um paradigma com o 'interrogativo de 2ª pessoa'	Ato ilocucionário afirmativo
<i>apa</i>	Palavra prosodicamente independente	Câmbio de foco
<i>=rĩ</i>	Enclítico do SN	Modo interrogativo, sujeito de 2ª pessoa
<i>=ta</i>	Enclítico do SN	Marcador de foco
<i>=ya</i>	Enclítico da palavra verbal	Evidencialidade reportativa

CONCLUSÃO

Neste artigo, discutimos a noção de palavras, morfemas e sintagma, tomando como base aspectos formais e funcionais. Notamos como a palavra é um constituinte transicional entre morfologia e sintaxe, de modo que existem certas ambiguidades entre a estrutura da palavra e do sintagma. Para boa parte das classes de morfemas, encontramos uma forte correlação entre forma e função, sejam morfemas lexicais sejam funcionais.

As partículas foram apresentadas como uma classe de morfemas cuja função principal é a de marcador pragmático. Vimos que outros morfemas também podem funcionar como marcadores pragmáticos, seja em função primária (como interjeições) seja em função secundária (como certos nomes, advérbios e conjunções). Dentro de suas funções primárias, partículas e interjeições diferenciam-se, pois as primeiras expressam informações sobre o ato ilocucionário e as últimas, sobre o estado emocional do locutor.

Sob o ponto de vista formal, existem partículas que constituem palavras independentes, outras que são enclíticos do sintagma ou enclíticos da palavra, mas sempre funcionam como adjuntos de sintagmas, nominais, verbais ou oracionais. O fato de haver partículas pertencendo a tipos de morfemas distintos, ainda que guardem semelhanças no que tange

à sua função pragmática, é análogo ao que vimos para a classe dos nomes e dos verbos, as quais podem ser expressas por tipos de morfemas distintos (como raízes ou enclíticos), ainda que possuam as mesmas funções semânticas, como expressões referenciais e núcleos de predicados, respectivamente. Em todos os casos, vemos que partículas são, antes, uma classe de morfemas (como nomes, verbos, conjunções, interjeições etc.), e não um termo descritivo para caracterizar tipos de morfemas como ‘sufixos’, ‘enclíticos’ etc.

No Quadro 9, resumimos o lugar de partículas na gramática Kubeo, ao compará-las com outras classes e tipos de morfemas, selecionados unicamente a título de ilustração.

Quadro 9. Partículas e outras classes de morfemas.

Classe	Função primária	Tipos de morfemas
Partículas	Marcador de atos ilocucionários	Palavras independentes, raízes, enclíticos
Interjeições	Marcador de estados emocionais	Palavras independentes
Nomes	Referência	Palavras independentes, raízes, enclíticos
Classificadores	Categorização do referente	Enclíticos
Morfemas de caso	Relações gramaticais	Afixos do sintagma
Morfemas de número	Flexão de número	Afixos da palavra

Na introdução deste artigo, listamos os pontos – (1) a (5) – que em geral são elencados como características de partículas por diferentes linguistas. Estes mesmos pontos encontram-se abaixo, seguidos de comentários sobre as suas relevâncias para descrever as partículas em Kubeo:

(1) palavra que não possui uma categoria sintática ou que não se encaixa prontamente em uma categoria sintática padrão. Enquanto a parte final dessa asserção está correta, não é verdade que as partículas não possuam uma categoria sintática. Podemos caracterizá-las com um tipo de adjunto, semanticamente relacionado à sentença como um ato ilocucionário e morfossintaticamente dependente de um constituinte da oração;

(2) palavra invariável. Isso é verdade para boa parte das partículas, exceto para *i-* ‘afirmativo’, que se flexiona em gênero;

(3) pequeno tamanho fonológico. A maioria das partículas em Kubeo é monossilábica e o tamanho máximo é de duas sílabas. Esse é o tamanho mínimo da palavra em Kubeo, de modo que a assertiva é verdadeira;

(4) fonologicamente e/ou morfossintaticamente dependente. Algumas partículas são enclíticas, o que as torna fonologicamente dependentes. Outras são palavras independentes. Morfossintaticamente, todas as partículas são adjuntos que selecionam sintagmas ou orações inteiras. Logo, são morfossintaticamente dependentes, do mesmo modo que outros tipos de adjuntos sintáticos também o são;

(5) semântica de natureza gramatical ou discursiva. Isso é verdade, pois caracterizamos as partículas como sendo essencialmente marcadores pragmáticos.

Logo, ainda que existam casos que fogem ligeiramente à norma, vemos que a noção de partículas é útil para a descrição de aspectos da gramática Kubeo, bem como se correlaciona com as principais características atribuídas a esse termo tipologicamente.

ABREVIATURAS

I	classe flexional verbal I (passado recente, presente)	COP	cópula	NMZ	nominalizador
		DEL	delimitador (foco)	N.NOM	não nominativo
		DIM	diminutivo	PERM	permissivo
II	classe flexional verbal II (passado remoto, predicado genérico)	EXC	exclusivo	PL	plural
		F	feminino	POS	possessivo
		FOC	foco	PREC	precisamente, especificamente
1	primeira pessoa	FUT	futuro		
2	segunda pessoa	IMP	imperativo	PROX	demonstrativo de proximidade
3	terceira pessoa	IN	inanimado		
ABL	ablativo	INC	inclusivo	Q	interrogativo
AF	afirmativo	INF	evidencial inferido	REP	reportativo
AN	animado	INTENS	intensificador	SG	singular
ANF	anafórico	IRR	irrealis	ST	estativo
ANT	anterior (temporalidade)	LOC	locativo	TAG	<i>tag-question</i>
ASSM	evidencial assumido	M	masculino	TOP	tópico
CL	classificador	MOV	forma não finita de movimento	TRN	turno (pragmático)
CNV	converbo			VOC.M	vocativo masculino
COL	coletivo	N.3	não 3ª pessoa		
CON	condicional	NEG	negação		

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, R. Stephen. **Aspects of the theory of clitics**. Oxford: Oxford University Press, 2005. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics).
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966. cap. 3, Tomo I.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHACON, Thiago; GENETTI, Carol. Grammatical relations in Kubeo. In: WITZLACK-MAKAREVICH, Alena; BICKEL, Balthasar (ed.). **Argument selectors: new perspectives on grammatical relations**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019. p. 399-432. (Typological Studies in Language, 123). DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.123>.
- CHACON, Thiago. **The phonology and morphology of Kubeo: the documentation, theory and description of an Amazonian language**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Hawai'i at Manoa, Honolulu, 2012.
- CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. 6th ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- DIXON, Robert M. W. **Basic linguistic theory: Methodology**. Oxford: Oxford University Press, 2009. v. 1.
- FRASER, Bruce. Pragmatic markers. **Pragmatics**, v. 6, n. 2, p. 167-190, 1996.
- HENGVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199278107.001.0001>.
- MORSE, Nancy; MAXWELL, Michael B. **Kubeo Grammar**. Arlington: SIL: University of Texas Arlington Press, 1999. (Studies in the Languages of Colombia 5; SIL Publications in Linguistics, 130).

MORSE, Nancy; SALSER, Jay K.; SALSER, Neva (ed.). **Diccionario ilustrado bilingüe Cubeo-Español/Español-Cubeo**. Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo, 1999.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SALSER, Jay K.; SALSER, Neva. Some features of Cubeo discourse and sentence structure. *In*: LONGACRE, Robert E. (ed.). **Discourse grammar**: studies in indigenous languages of Colombia, Panama and Ecuador. Dallas: ILV, 1977. v. 2, p. 253-272.

VALENCIA, Simon. **Fonología y clasificación nominal en Kubeo**. Bogotá: Universidad de los Andes, 1989.

ZWICKY, Arnold M. Clitics and particles. **Language**, v. 61, n. 2, p. 283-305, 1985.

